

## **TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO: FASES E AMPLIAÇÕES DA ABORDAGEM**

Victor Hugo de Oliveira<sup>1</sup>

### **1 INTRODUÇÃO**

Urie Bronfenbrenner nasceu na Rússia e, ainda na infância, mudou-se, juntamente com a família, para os Estados Unidos da América. Graduou-se em Psicologia e em Música e desenvolveu a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. A dita teoria surge da insatisfação relacionada às abordagens vigentes e às ideias reinantes na Psicologia de sua época (BENETTI *et al.*, 2013).

Os estudos de Bronfenbrenner foram divididos em três fases. Para Coscioni *et al.* (2018), as reformulações na teoria ao passar do tempo permitem apreender a transição de uma abordagem situada no contexto para uma teoria em que as inter-relações cotidianas se tornam centrais.

Na primeira fase, a teoria é denominada como Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano, teve suas discussões apoiadas sobre as limitações metodológicas da sua época (COSCIONI *et al.*, 2018). Segundo Tudge (2007), no momento em que Bronfenbrenner escreveu o livro *A ecologia do desenvolvimento humano*, parte considerável dos psicólogos estadunidenses se preocupava mais com aspectos individuais do desenvolvimento do que com as influências contextuais sobre ele.

O autor apontava suas críticas aos estudos experimentais que mantinham o foco no comportamento de pessoas em situações e ambientes estranhos, ou seja, fora do contexto aos quais aquelas pertenciam. Bronfenbrenner defendeu que as pesquisas em desenvolvimento humano fossem realizadas no ambiente em que os seres humanos viviam (BRONFENBRENNER, 1979).

Bronfenbrenner nunca acreditou e nem afirmou que o contexto determina o desenvolvimento; por isso, ele sempre usou as expressões “ecologia” ou “ecológico”

---

<sup>1</sup> Mestrando em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal) e bacharel em Direito (UFBA). E-mail: victoroliveira.adv@gmail.com

para destacar a interdependência indivíduo-contexto, a essência/fundamento de sua teoria (TUDGE et al., 1999; TUDGE; GRAY; HOGAN, 1997).

Diante disso, o objetivo do presente trabalho é o de apresentar as três fases da Teoria de Bronfenbrenner apresentando suas principais mudanças e ampliações.

## **2 PRIMEIRA FASE: ABORDAGEM ECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO**

Segundo Coscioni et al. (2018), nos estudos dessa primeira fase (1973-1979) é que foram desenvolvidos conceitos acerca dos diversos níveis de contexto que exercem influência sobre o desenvolvimento de um indivíduo. Esses níveis são: microssistema, mesossistema, exossistema e macrosistema.

Bronfenbrenner (1977) descreveu o microssistema como o ambiente dentro do qual o indivíduo está em atividade em um determinado momento da sua vida. É um complexo de relações entre a pessoa em desenvolvimento e o ambiente imediato no qual ela está contida. É o ambiente em que a pessoa está inserida e realiza interações face a face com outras pessoas.

Já o mesossistema foi definido como o conjunto de microssistemas, constituindo a porção do desenvolvimento da pessoa em determinado período de tempo, ou seja, “as inter-relações de vários ambientes nos quais a pessoa em desenvolvimento está inserida em um determinado período em sua vida”. (BROFENBRENNER, 1977, p. 38).

O terceiro nível da Abordagem Ecológica de Urie Bronfenbrenner, o exossistema, diz respeito aos microssistemas em que a pessoa não participa ativamente por meio de interações face a face, mas que influenciam e são influenciados pela pessoa. Bronfenbrenner (1977) o descreve como uma extensão do mesossistema, englobando estruturas sociais determinadas, formais e informais que a pessoa em desenvolvimento não está inserida, mas que influencia ou segue os ambientes imediatos no qual a pessoa se insere e, portando, delimita, afeta ou mesmo determina o que lá ocorre.

Por fim, o macrossistema compreende todos os outros níveis anteriormente descritos da Ecologia do Desenvolvimento Humano. Esse nível abarca a cultura, as macroinstituições, como governo, políticas públicas, religião, aspectos educacionais. (BRONFENBRENNER, 1979).

### **3 SEGUNDA FASE: PARADIGMA ECOLÓGICO**

O estudo da abordagem ecológica impactou de maneira considerável os estudos sobre o campo do desenvolvimento humano, crescendo o interesse, de maneira considerável na década de 1980. Entretanto, o próprio autor demonstrou insatisfação com a natureza de suas contribuições para a teoria, surgindo a segunda fase (1980-1983) do estudo. Nesta etapa, Bronfenbrenner se voltou ao modo como o ambiente era conceituado nas pesquisas em desenvolvimento humano (CARVALHO-BARRETO, 2016; TUDGE, 2013).

Foram delineados quatro modelos de pesquisa (Endereço Social, Pessoa-Contexto, Processo-Contexto, Pessoa-Processo-Contexto) e suas respectivas limitações. O autor batizou de Paradigma Ecológico o modelo que destacava o aspecto ativo da pessoa no ambiente, assim como os efeitos do tempo (pessoal e histórico) e dos processos do desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 1993).

Endereço social é um modelo definido como classe-teórico, um dos preferidos na atualidade, sendo o paradigma utilizado com mais frequência para o estudo do desenvolvimento humano no contexto, inclusive sendo a escolha inicial adequada na dimensão dos ambientes mais modestos aos mais complexos (KOLLER, 2011). A utilização do endereço social vai pouco além da comparação de pessoas que se desenvolveram em localizações geográficas ou sociais distintas.

Dentre os mais corriqueiros endereços sociais que são destacados pela doutrina estão a classe social, comparação entre ambiente rural e ambiente urbano, nacionalidades, grupos étnicos diferentes. Posteriormente, Bronfenbrenner e Crouter apresentaram a chamada “nova demografia”, que são famílias com configurações familiares diferentes das usuais dos anos iniciais do estudo, comparando famílias de pais separados e pais casados, crianças cuidadas em casa ou em creche, mulheres que trabalham, famílias recasadas (KOLLER, 2011).

O modelo de endereço social é tratado como rudimentar, pois considera apenas, segundo Bronfenbrenner e Crouter (1983, p. 57), “o rótulo ambiental, sem atenção para o que o meio é, a saber, o que as pessoas estão vivendo nele, o que estão fazendo ou como as atividades que ocorrem nesse lugar podem afetar as crianças”. Outra crítica feita a este modelo, destacada por Koller (2011), é o fato de o impacto no desenvolvimento humano de um endereço social específico ser, presumidamente, igual para todas as pessoas que residem no local, independentemente de seus atributos biológicos e psicológicos.

O segundo modelo, nessa fase, é o modelo pessoa-contexto, no qual passa-se a avaliar, além dos endereços sociais, as características pessoais, como homem ou mulher, por exemplo. Para Koller (2011, p.12), “as categorias do endereço social e do atributo pessoal se atravessam uma com as outras”.

O modelo seguinte é o processo-contexto, que surge da crítica de Bronfenbrenner ao modelo de pesquisa laboratorial da Psicologia desenvolvido até a época. Devido a essa forma de pesquisa, dentro dos laboratórios, os psicólogos do desenvolvimento humano encontraram dificuldades, uma vez que “em condições controladas, poderiam operar diferentemente para pessoas em situações distintas” (KOLLER, 2011, p. 122).

Um dos primeiros estudos que rompeu com o método de pesquisa e que teve mais inovação foi desenvolvido por Tulkin, em 1970, na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. O objetivo dessa investigação era analisar a influência do fator socioeconômico sobre os processos de socialização e suas consequências. Foram escolhidos bebês do sexo feminino com dez meses de idade e suas mães. No fim, foi provada e demonstrada a influência do ambiente no desenvolvimento humano, bem como na natureza e eficácia dos processos que produzia tais resultados. (Bronfenbrenner, 1978).

Tulkin (1970, 1977), demonstrou que as mães de classe média tinham uma interação mais mútua com seus bebês. Tulkin ainda mostrou que esses comportamentos eram sensivelmente elevados para o grupo da classe média. Essa maior interação “quando os bebês tinham dez meses de vida era preditivo do desempenho escolar da criança aos seis anos em testes de capacidade mental e habilidades linguísticas”. (TULKIN, 1978, p. 87).

O paradigma implícito de Tulkin não apenas especifica alguns processos proximais pelos quais a mudança no desenvolvimento humano é provocada, mas também possibilita investigar como esses processos variam em função do contexto mais amplo no qual o processo ocorre (neste caso a posição social da família). Por isso o nome *modelo processo-contexto*. (KOLLER, 2011, p. 110 e 111).

Em que pese o trabalho de Tulkin tenha refletido em um importante avanço na estratégia científica, a adição de mais um elemento contribuiu para produção de um sistema analítico mais esclarecedor.

Surge, então, o quarto nível, o modelo processo-pessoa-contexto. Segundo Koller (2011), a condição inicial é que o delineamento prevê informações sistemáticas em no mínimo três áreas separadas: o contexto no qual o desenvolvimento está acontecendo; as características pessoais (biológica ou psicológica) presentes nesse contexto; e o processo pelo qual o seu desenvolvimento é realizado.

A segunda condição do paradigma é “a análise da possibilidade de que a força e a direção do processo podem variar em função conjunta entre as propriedades do contexto e das características da pessoa em desenvolvimento” (KOLLER, 2011, p. 112). Nas palavras da referida autora:

A relevância dessa conceituação mais diferenciada de ambiente para a presente discussão reside no fato de que o delineamento processo-pessoa-contexto fornece para isso uma operacionalização, ou seja, possibilita a análise da mediação e moderação dos processos que constituem as ligações entre e dentro destes quatro sistemas-ambientes que formam o curso do desenvolvimento humano. Além disso, o paradigma incorpora como um aspecto-chave, tendo igual *status* dentro do desenvolvimento no contexto – a contribuição para o desenvolvimento das características biológicas e psicológicas das pessoas envolvidas no processo. (KOLLER, 2011, p. 115).

Para Koller (2011) os modelos processo-pessoa-contexto ainda não são muito utilizados nas pesquisas do desenvolvimento humano, sendo mais comuns a utilização de delineamentos mais incompletos, sem um dos elementos moderadores, estando ausente a pessoa ou o contexto.

#### **4 TERCEIRA FASE: TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO**

Na terceira e última fase (1994-2005), a teoria recebe a denominação atual e se caracteriza pela formulação do Modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo (Modelo PPCT). Segundo Carvalho-Barreto (2016), a evolução do termo “ecologia” para “bioecologia” se relaciona ao reconhecimento dos níveis estruturais e funcionais das pessoas, o que inclui aspectos biológicos, cognitivos, emocionais e comportamentais.

O primeiro elemento no modelo, processos proximais, são compreendidos enquanto força impulsionadora do desenvolvimento humano e tomam posição central na teoria (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006). São recorrentemente envolvidos a partir de duas proposições, e a primeira delimita que

O desenvolvimento humano ocorre através de processos progressivamente mais complexos de interações recíprocas entre um organismo humano biopsicológico ativo, em evolução, e as pessoas, objetos e símbolos em seu ambiente externo imediato. Para ser eficaz, a interação deve ocorrer com bastante regularidade durante períodos extensos de tempo. Tais formas perduráveis de interação no ambiente imediato são referidas como processos proximais. (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006, p. 797, traduzido por TUDGE, 2008, pp. 3-4).

Cinco características devem estar incluídas para que os processos proximais sejam estabelecidos. São estes: a pessoa precisa estar comprometida em uma atividade; essa atividade deve acontecer ao longo de um período significativo de tempo e com frequência regular; a atividade necessita se tornar mais dificultosa com o tempo; as relações por meio das quais os processos proximais se constituem devem ser mútuas; e os objetos e símbolos que compõem o ambiente físico imediato no qual são estabelecidos os processos proximais precisam instigar a atenção, exploração, manipulação e imaginação. Além desses aspectos, o poder dos processos proximais tende a crescer quando entre pessoas que nutrem uma relação emocional forte (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006).

Para Coscioni (2018), os processos proximais são nucleares para o entendimento do desenvolvimento humano, devendo ser considerados no

planejamento de pesquisas. O exame dos processos proximais deve ser concretizado, preferencialmente, de modo bidirecional, ou seja, esses processos necessitam ser acessados por meio do entendimento das díades com as quais os processos proximais se relacionam. Nesse processo de análise, devem ser analisados tanto os elementos objetivos notados no ambiente quanto os elementos subjetivos – acessados a partir do entendimento da experiência dos participantes.

A Pessoa é ativa em seu desenvolvimento e interage com o contexto, de acordo com as suas características biopsicossociais, que são: 1) as disposições para dedicar-se e permanecer em atividades de progressiva dificuldade, que podem iniciar e manter os processos proximais relativos a um determinado domínio do desenvolvimento; 2) os recursos bioecológicos, de capacidade, experiência, conhecimento e habilidade, que municiam o funcionamento efetivo dos processos proximais durante os estágios do desenvolvimento humano; 3) as características de demanda, como a curiosidade, o gênero e a cor da pele, que estimulam ou desencorajam reações dos distintos indivíduos em seu contexto social, sendo que estas podem favorecer ou prejudicar os processos proximais (VERÍSSIMO, 2017).

Bronfenbrenner entende que duas pessoas em desenvolvimento podem ter os mesmos atributos de recurso, porém terem trajetórias bem distintas, se uma delas for incentivada a ser bem-sucedida e insistir nas tarefas, enquanto a outra, não sendo motivada, não persistir. O autor ainda define como:

longe de ser um teórico sobre as influências contextuais no desenvolvimento, Bronfenbrenner forneceu uma ideia clara de como indivíduos mudam seu contexto: ou de uma forma relativamente passiva (uma pessoa muda o ambiente simplesmente por nele estar, visto que outros a ele ou ela reagem diferentemente, em função de sua idade, gênero, cor da pele, etc.), ou de uma maneira mais ativa (as formas pelas quais a pessoa muda o ambiente estão relacionadas aos recursos físicos, mentais e emocionais que ele ou ela têm disponíveis) ou de uma forma ainda mais ativa (o quanto uma pessoa muda o ambiente está relacionado, em parte, com o seu desejo ou esforço para fazê-lo). (TUDGE, 2008, p. 08).

Os níveis referentes ao contexto já foram explicados e conceituados (microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema). O microsistema recebe destaque, tendo em vista que nele acontecem os processos proximais e se

observam as características dos demais níveis do contexto (BRONFENBRENNER; MORRIS, 2006).

Segundo Coscioni *et al.* (2018), duas probabilidades de delineamento de pesquisa surgem enquanto favorecedoras da investigação com foco no microsistema: a investigação de processos proximais definidos por um mesmo indivíduo ou grupo em microsistemas distintos; a investigação de processos proximais análogas determinados por pessoas ou grupos diferentes em microsistemas distintos com atributos dos macrosistemas típicos. Ainda que o enfoque esteja sobre o microsistema, a análise dos resultados deve prever a observação de elementos do mesossistema, exossistema ou macrosistemas que interajam com os processos proximais em destacados.

O Tempo surge no modelo teórico a partir da formulação de três conceitos que se integram no aspecto temporal pessoal e histórico. Na perspectiva pessoal, o microtempo refere-se ao tempo imediato em que os processos proximais acontecem. Já o mesotempo inclui a constância e a extensão de tempo referentes ao estabelecimento dos processos proximais. Na análise histórica, o macrotempo refere-se aos fatos históricos, que impactam não somente no indivíduo, mas em pequenos e grandes grupos (COSCIONI *et al.*, 2018). Essa perspectiva do cronossistema na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano implica na prevalência por delineamentos longitudinais, sendo estes possíveis de verificar as alterações e continuidades no desenvolvimento da pessoa ao passar do tempo (TUDGE, 2008).



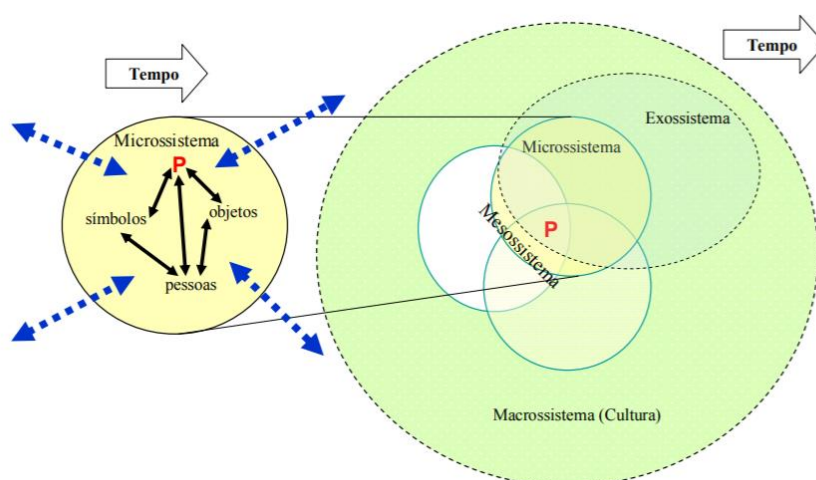


Figura 1. O Modelo PPCT de Urie Bronfenbrenner (TUDGE,2008, p. 218).

A Figura representa o Modelo PPCT de Urie Bronfenbrenner. A Pessoa (P) ativa engajada em processos proximais com indivíduos, símbolos e objetos dentro de um microsistema, em interação com outros Contextos, incluindo tanto continuidade quanto mudança ao longo do Tempo. (TUDGE, 2008).

Segundo Coscioni *et al.* (2018), a formulação do Modelo PPCT se explana em uma perspectiva metodológica, visto o entendimento de Bronfenbrenner e Morris (2006) de que uma teoria qualificada é aquela que pode ser identificada em um modelo de pesquisa que corresponde e que se encaixa com as propriedades que definem a própria teoria.

O planejamento das pesquisas deve considerar os elementos que pertencem ao modelo, bem como a inter-relação entre eles, escolhendo os processos proximais enquanto destaque central. Dessa forma, pesquisas de maneira de descoberta devem ser inicialmente executadas, de modo a analisar as inter-relações complexas entre os elementos. Os resultados dessas análises criam hipóteses a serem examinadas em estudos em modo verificação (BRONFENBRENNER *et al.*, 2006).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evolução da perspectiva da Ecologia do Desenvolvimento Humano até atingir a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano reconhece o valor da

pessoa no processo de desenvolvimento dentro de variados contextos que interagem pelos períodos de tempo. Essa formulação teórica comportou ao autor em análise reinterpretar a pesquisa que já havia realizado anteriormente, levantando hipóteses para a realização de novos estudos e revelando as forças que promovem ou prejudicam o desenvolvimento humano (KOLLER, 2011).

Bronfenbrenner et al. (2006) destacou que, para além de promover o conhecimento sobre o desenvolvimento e contribuir para a formulação de novas hipóteses, pesquisas em modo descoberta devem prover bases científicas para a efetividade das políticas públicas. As pesquisas apoiadas na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano têm ocupado uma postura política, produzindo informações que contribuem para a execução de políticas públicas – principalmente voltadas à infância, juventude e família (CARVALHO-BARRETO, 2016).

## REFERÊNCIAS

BATISTA, Janete Maria da Silva et al . **O modelo bioecológico: desvendando contribuições para a práxis da enfermagem diante da violência doméstica.** Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro , v. 17, n. 1, p. 173-178, Mar. 2013 . Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452013000100024&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452013000100024&lng=en&nrm=iso). access on 12 June 2019.

BRONFENBRENNER, U., & Morris, P. A. (2006). **The bioecological model of human development.** In W. Damon & R. M. Lerner (Orgs.), **Handbook of child psychology: theoretical models of human development** (pp. 793-828). New York, NY: John Wiley & Sons.

CARVALHO-BARRETO, A. (2016). **Paradigma sistêmico no desenvolvimento humano e familiar: a Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner.** Psicologia em Revista, 22(2), 275-293.

COSCIONI, Vinicius et al . **Pressupostos teórico-metodológicos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano: uma pesquisa com adolescentes em medida socioeducativa.** Psicol. USP, São Paulo , v. 29, n. 3, p. 363-373, Dec. 2018 . Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642018000300006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642018000300006&lng=en&nrm=iso). acessado em 12 Junho de 2019.

COSCIONI, V., Farias, B. G., Garcia, A., Rosa, E. M., & Koller, S. H. (2018). **O convívio de adolescentes em medida socioeducativa de internação com a equipe técnica.** Psico, 49(2), 137-147.

KOLLER, S. H., Morais, N. A., & Paludo, S. S. (2011). **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos.** Porto Alegre, RS: Artmed

KUHN, T. S. (1978). **A estrutura das revoluções científicas** (2a ed.). São Paulo, SP: Perspectiva.

TUDGE, J. R., *et al.* (2016). **Still misused after all these years? A reevaluation of the uses of Bronfenbrenner's bioecological theory of human development.** *Journal of Family Theory & Review*, 8(4), 427-445.

TUDGE, J. (2008). **A teoria de Urie Bronfenbrenner: uma teoria contextualista?** In L. Moreira & A. M. A. Carvalho, A. M. A. (Orgs.), *Família e educação: olhares da psicologia* (pp. 211-231). São Paulo, SP: Paulinas.

VERISSIMO, Maria De La Ó Ramallo. **As necessidades irredutíveis das crianças para o desenvolvimento: um quadro de referência para os cuidados de saúde.** *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 51, e03283, 2017. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S008062342017000100601&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S008062342017000100601&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 13 de junho de 2019. Epub 15 de março de 2018.